

# POETAS PORTUGUESES

## imigrantes, refugiados ou exilados na França (desde os anos 1960-70)

Dominique Stoenesco

Francês para uns, imigrante português para outros, ou ainda “frantuguês” para alguns, toda a minha vida parti, voltei, atravessando fronteiras, por vezes lendo Pessoa ou Baudelaire, mas sempre com aquela interrogação tremenda de não saber onde se situa a partida e a chegada.

Fernando de Sousa, estudante  
(Jornal *O Emigrante*, Paris, 23 de novembro de 1990)

Com mais de um milhão de pessoas, os portugueses formam atualmente a maior comunidade estrangeira vivendo na França. Esta situação é o resultado de várias migrações sucessivas desde o final do século XIX, a dos anos 1960-70 sendo de longe a mais importante. Imigrantes econômicos, refugiados ou exilados políticos, os poetas portugueses da França exprimem, sejam eles populares ou eruditos, os sentimentos e as mensagens próprias de uma comunidade que vive entre duas margens, entre duas memórias. Por isso, entendemos que para uma melhor compreensão do tema que propomos abordar seja necessário apresentarmos antes o itinerário, os dramas e as esperanças de milhares de homens e mulheres que partiram à procura de um futuro melhor. Inicialmente difundida através das rádios livres ou clandestinas, mais tarde publicada em efêmeras edições associativas, graças ao trabalho árduo de alguns franco-atiradores fora dos circuitos políticos e intelectuais reconhecidos, a expressão poética portuguesa na França tenta ganhar uma (in)certa “visibilidade”.

1

BREVE ESBOÇO HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DA IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NA FRANÇA – A França sempre foi um país de imigração. Um quarto dos franceses tem pais ou avós de

origem estrangeira. Atualmente, cerca de 5 milhões de habitantes, ou seja quase 8 por cento da população francesa, são estrangeiros. Destes, aproximadamente 1 milhão são portugueses ou franceses de origem portuguesa.

As primeiras estatísticas francesas referentes à presença portuguesa na França mostram que entre 1876 e 1911 esta comunidade era composta de um pouco mais de mil pessoas. Um dos primeiros núcleos de residentes portugueses na França teve origem no envio do Corpo Expedicionário Português, composto de mais de 50.000 soldados que lutaram ao lado da França contra a Alemanha, em 1917. Dos sobreviventes, calcula-se que uns 5.000 militares portugueses se estabeleceram definitivamente no solo francês. Após a Primeira Grande Guerra mundial de 1914-18, a carência de mão de obra, principalmente na agricultura e na construção civil, permite a vinda de um maior número de trabalhadores portugueses: de 1921 a 1931, estes trabalhadores passam de 17.071 para aproximadamente 50.000 pessoas. Por entre as outras nacionalidades que chegam em grande número na França, entre as duas guerras, há também poloneses, italianos e espanhóis. Mas a crise econômica dos anos 30, assim como o 2º conflito mundial, vão travar provisoriamente esta imigração.

É só a partir dos anos 60, com a retomada da economia francesa, que a imigração portuguesa vai crescer rapidamente e de modo significativo. Os dados do Boletim anual da Secretaria de Estado da Emigração (Lisboa, 1974) são eloqüentes: entre 1961 e 1974, mais de 900.000 portugueses deixam seu país, entre os quais 400.000 para virem trabalhar na França. A maior parte vinha clandestinamente, mas com o tácito acordo do governo francês. Por outro lado, em 1961 a luta armada pela independência em Angola intensifica-se e obriga o envio pelo governo português de milhares de soldados para a África. Procurando escapar a esta guerra colonial, milhares de jovens emigram. Só durante o ano de 1966, dos 120.000 portugueses que deixaram Portugal, 73.419 atravessaram os Pirinéus, sendo que a maioria para se instalarem na região parisiense. Esta imigração acelerada só vai diminuir em 1974, data chave tanto para a França como para Portugal. Com efeito, na França, o novo governo conservador decide encerrar a imigração de trabalhadores estrangeiros, e em Portugal a Revolução de 25 de abril de 1974 liberta o país dos 48 anos de ditadura, pondo fim à guerra colonial que ruíra o regime e contribuirá, em parte, para o grande êxodo.

Nestes anos 60, para chegar até à França a travessia das fronteiras “a salto”, isto é, clandestinamente, era quase a regra comum, pois as autoridades portuguesas só dispensavam o visto de saída do território a conta-gotas. Um número muito reduzido de emigrantes saía de seu país com passaportes de turista; outros saíam com a cédula de identidade e outros ainda sem nada ou com documentos falsos. Um dos elos essen-

ciais desta cadeia de emigrantes era quase sempre formado pelos passadores : “ ...um novo tipo de modernos negreiros bem organizados, com ramificações nas mais ignoradas aldeias portuguesas, onde, a troco de contos de réis, ofereciam a ilusão de uma fácil prosperidade até ao centro de Paris” (Nita Clímaco,1967). É nesta época que nasce o maior “bidonville português” (favela portuguesa) de Champigny-sur-Marne, nos arredores de Paris, resultado do infortúnio de milhares de trabalhadores portugueses à procura de um melhor futuro. Foram os anos de lama, “o tempo dos barracões, da ilegalidade, das redes clandestinas, do isolamento, do medo e da exploração”, segundo as palavras de Marie-Christine Volovitch-Tavares (1995). Este “enclave portuguesa” de 10.000 habitantes constituía um viveiro de mão de obra para a construção civil e para as obras públicas e também um bom negócio para os “mercadores de sono”. Estes “mercadores”, ou traficantes, eram na maioria imigrantes portugueses que realizavam lucros substanciais alugando barracões aos seus compatriotas que, sem outra solução, pagavam aluguéis a preços bastante elevados. Devido à tensão local e aos conflitos com a vizinhança que começavam a surgir neste “bidonville”, atraindo todas as atenções, principalmente a dos partidos políticos e da mídia, as autoridades administrativas locais e regionais empreendem um longo período de demolição da favela de Champigny que desapareceria por completo em 1972.

Prova de uma evolução notável, hoje, quarenta anos depois do “salto”, no lugar das antigas barracas, podemos observar as belas e grandes casas habitadas por famílias portuguesas, assim como um colégio público moderno onde seus filhos vêm frequentar o ensino secundário, com a possibilidade de escolherem a língua portuguesa entre as disciplinas ofertadas. Salientamos, de passagem, que o português é uma das línguas propostas no sistema educativo francês e que a França é o país não-lusófono da Europa onde a língua portuguesa é a mais ensinada.

O “bidonville de Champigny” inspirou romancistas, cineastas e também poetas. Em 1967, Nita Clímaco conta esta odisséia dos tempos modernos no seu romance *A Salto*. Por outro lado, neste mesmo ano, Christophe de Chalonge roda o longa metragem *O Salto*, evocando a difícil viagem clandestina de um jovem artesão português até Champigny-sur-Marne. Mais tarde, em 1989, o jovem cineasta português José Alexandre Cardoso Marques realiza vários documentários sobre a história da “favela de Champigny”, sob o título revelador *Champigny-sur-Tage*. Enfim, em 2003, sai o filme documentário *La photo déchirée (O retrato rasgado)*, de José Vieira, uma crônica da emigração portuguesa clandestina, entre lembranças de infância e pesquisa histórica, com testemunhos comoventes e fotos antigas do “bidonville de Champigny”.

DO PORTUGAL-EMIGRANTE AO PORTUGAL-EUROPEU: A EVOLUÇÃO DE UMA IMAGEM MENOS ESTEREOTIPADA DOS PORTUGUESES E DA CULTURA PORTUGUESA – De maneira geral, a cultura portuguesa nos anos 1960-70 era bem pouco conhecida pelos franceses que, na sua grande maioria, só tinham ouvido falar do fado, do vinho do Porto, da primavera portuguesa e da intrepidez dos imigrantes portugueses. Durante o colóquio “Imagens recíprocas França-Portugal”, organizado conjuntamente pela Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Portugueses, Brasileiros, da África e da Ásia lusófonas (ADEPBA) e pelo Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, no mês de maio de 1992, uma sondagem sobre a imagem de Portugal, junto aos estudantes das universidades francesas mostrava que, para 72% destes estudantes Portugal era antes de tudo um país de passar férias. De quem a culpa desta situação? Dos franceses, acusados de ignorância e de arrogância? Talvez, mas nem só.

O escritor português Fernando Namora (1966), em *Diálogo em Setembro*, num tom entre revolta e resignação, observava: “Depois de séculos de epopéias, o que temos para sublinhar ao mundo são os areiais dourados em que o mar se espreguiça”. E num artigo publicado no *Jornal do Fundão*, um dos mais antigos e um dos melhores jornais regionais portugueses, de 31 de julho de 1992, A. Jorge Martins, imigrante português residente na França, dava seu ponto de vista sobre a questão: “A verdade é que a maioria dos nossos compatriotas continua ainda a cultivar esta apagada e vil tristeza, como se todos os dias fosse necessário pedir licença à França para nos deixar estar cá, sempre humildes, apagados, discretos.” Daí, paradoxalmente, a teoria da “invisibilidade” da comunidade portuguesa no seio da sociedade francesa, que foi demonstrada pelo sociólogo português Albano Cordeiro, pesquisador no Centre National de Recherche Scientifique, em Paris, autor de *Les associations portugaises en France: enfermement et ouvertures* (As associações portuguesas na França: fechamento e aberturas), edição do CEDEP, Paris, 1986.

Com efeito, A. Cordeiro chama a nossa atenção para este paradoxo a respeito da presença das famílias portuguesas na França: se, por um lado, devemos reconhecer que a integração econômica destas famílias foi em geral positiva, por outro lado, justamente porque ela parece não levantar problemas junto aos franceses (ao contrário do que acontece com outras comunidades estrangeiras radicadas na França, muitas vezes vítimas de discriminações sociais e raciais), a comunidade portuguesa participa pouco da vida social e política do país de acolhimento, é insuficientemente conhecida e pouco “visível”, senão através de preconceitos ou de imagens estereotipadas. A esta análise, acrescentamos ainda que a grande maioria dos portugueses prefere frequentar

suas próprias estruturas econômicas, sociais e culturais. Com efeito, em Champigny-sur-Marne, como em outras localidades suburbanas de Paris (Villiers-sur-Marne, Nanterre, Saint-Maur ou Saint-Denis) ou da província (Lille, Bordeaux, Toulouse, etc.) as famílias portuguesas têm suas próprias associações, organizações políticas, rádios, jornais, mercados, lojas, restaurantes, bancos, seguros, advogados, agências de viagem, discotecas e até suas funerárias e a missa em português...

Para aqueles portugueses que deixavam seu país natal durante estes anos 60-70, essencialmente por razões econômicas, a França devia ser uma solução provisória (“Atrás deles, a porta da casa ficava aberta” – retomando esta bela expressão metafórica de Eduardo Lourenço, escritor e crítico literário português que vive na França há longos anos). Vinham para poupar dinheiro e garantir um futuro mais feliz. Porém, 40 anos depois do “salto”, a “primeira geração” de imigrantes portugueses criou raízes “em terras de França”. Muitos, já aposentados, não querendo ou não podendo escolher definitivamente entre uma ou outra margem, continuam efetuando o vaivém anual entre a França e Portugal. Quarenta anos depois, esta “primeira geração” engendrou uma segunda e até uma terceira geração de “lusu-descendentes” (termo contestado, mas que usamos aqui por comodidade, para designar os filhos de portugueses nascidos na França). Pouco a pouco, estes jovens de origem portuguesa, primeiros “portugueses europeus” por inteiro, tiram a comunidade portuguesa do anonimato participando ativamente da vida social, cultural e política na sociedade em que vivem e se afirmam. Segundo um inquérito realizado pelo Institut National des Statistiques et des Études Économiques (Paris, 1995), intitulado *Mobilité géographique et insertion sociale (Mobilidade geográfica e inserção social)*, cerca de 60% dos jovens portugueses nascidos na França (de pais nascidos em Portugal) casam ou vivem com um(a) francês(a). E, por outro lado, ao irem passar férias de verão no país de seus pais, os jovens portugueses das segunda e terceira gerações sentem-se hoje menos complexados, assumindo totalmente a sua dupla identidade cultural, isto é, francesa e portuguesa.

A entrada de Portugal na União Européia foi sem dúvida um fator essencial desta mudança de atitude. Atualmente os portugueses estabelecidos na França são elegíveis e podem votar nas eleições locais, regionais, legislativas ou européias. Recentemente, no outono 2002, numa iniciativa da Embaixada de Portugal, ocorreu em Paris o 1º Encontro dos eleitos de origem portuguesa, reunindo 202 vice-prefeitos e vereadores.

Assim, a partir dos anos 1985-90 surge um novo interesse pela cultura portuguesa por parte dos franceses e a imagem da cultura lusitana na França beneficia-se de um “reequilíbrio”. Será isto o efeito das numerosas traduções de autores portugueses

publicadas na França, da notoriedade do poeta Fernando Pessoa, do prêmio Nobel de literatura atribuído a José Saramago, da Exposição Universal de Lisboa, em 1998? Com certeza, mas também é o resultado de uma evolução própria que ocorre no seio da comunidade portuguesa na França.

### 3

A IMPORTÂNCIA DO PAPEL SOCIAL E CULTURAL DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO PORTUGUÊS NA FRANÇA – O movimento associativo português que se desenvolveu na França é um caso único na história da imigração neste país, tanto pela sua importância numérica (calcula-se que existem 600 associações portuguesas no solo francês), quanto pelos seus modos de organização. Foi, e continua sendo, o movimento associativo mais importante das comunidades imigradas na França.

Frente às dificuldades para se inserir na diversidade das instituições francesas, na obrigação de suprir a ausência de estruturas adaptadas às suas necessidades e dispondo de escassos meios econômicos, os primeiros imigrantes portugueses dos anos 60 tentam, através de grupos informais de solidariedade e de auxílio mútuo, organizar festas, criar clubes de futebol, abrir aulas de alfabetização em francês, ou aulas de português para os filhos.

A partir de 1974 os grupos mais dinâmicos constituem-se em associações oficialmente reconhecidas, participando muito mais da vida socio-cultural do país de acolhimento e deixam de se chamar “associação portuguesa...”, para se chamar “associação franco-portuguesa...” É o caso, por exemplo, da Associação de Cooperação Franco-Portuguesa, de Tourcoing (cidade do norte da França), que publica também seu jornal interno, com um título bem simbólico, P'rá Frente (1974-1977) - estamos nos anos pós-revolucionários! Reciprocamente, com o objetivo de exprimir sua solidariedade junto dos imigrantes, os principais sindicatos franceses publicam seus boletins em língua portuguesa (por exemplo, *O Trabalhador*, da Confederação Geral dos Trabalhadores).

Na década de 80, com as novas leis que facilitam a criação de associações de origem estrangeira, foram as associações de caráter sócio-cultural que tenderam a aumentar, diversificando suas atividades: debates, exposições, emissões radiofônicas, teatro, etc. Assim, vemos que o movimento associativo português desenvolve-se segundo dois eixos: preservar sua identidade e inserir-se na nova sociedade. Albano Cordeiro, no seu livro citado anteriormente, resume bem esta evolução que ele considera indispensável: “Preservar a força do movimento associativo português significa

ser capaz de utilizá-la para intervir na sociedade francesa e não a encerrar num espaço limitado, com funções específicas (lazer, folclore).”

Face à importância do movimento associativo português, em 1981, o governo de Lisboa cria o Conselho das Comunidades Portuguesas na França, órgão representante dos portugueses emigrados, encarregado de coordenar suas reivindicações, mas que terá apenas uma função consultiva junto ao Parlamento português.

Vale a pena aqui salientar que, depois da Revolução dos Cravos de 1974, o movimento associativo português na França passou a integrar nas suas atividades culturais também os outros países de expressão portuguesa, especialmente através da literatura, da música e do cinema. Aliás, este maior interesse dos imigrantes portugueses pela lusofonia, especialmente pelo que se passava na África, justificava-se tanto pelo fato de os portugueses não terem tido a possibilidade, no seu próprio país, de falar livremente destes temas durante a ditadura salazarista, quanto pelo fato que na França os países lusófonos vinham suscitando uma curiosidade cada vez maior. Por exemplo, a cantora caboverdiana Cesária Évora. E sem falar do Brasil que, através principalmente da música, da literatura e do cinema, já tinha conquistado desde há muito anos a simpatia dos franceses. Portanto, não é excessivo dizer que, numa certa medida, os imigrantes portugueses (re)descobriram na França o mundo lusófono.

De todas as associações portuguesas que tiveram um papel de *avant-garde* no desenvolvimento das atividades culturais de expressão portuguesa na França, temos que salientar o imenso e riquíssimo trabalho realizado pela Associação Coordenadora das Associações Portuguesas, situada na região de Seine-et-Marne, próximo de Paris. Mais conhecida pela sigla ACAP 77, esta associação, fundada em 1983 por um grupo de trabalhadores e animadores culturais portugueses, esteve na origem da organização de algumas atividades cujo impacto no seio da comunidade portuguesa e também junto de vários setores da sociedade francesa local e regional foi notável: criação do Concurso de Expressão Portuguesa - categorias conto, reportagem e poesia (1984-1992), organização do Festival da Canção Lusófona (1987-1995), publicação do boletim cultural *Traço-de-União* (1985-1992) e, sobretudo, criação das Edições ACAP 77 (1991-1997). Além destas ações, a ACAP 77 contribuiu para a criação de bibliotecas associativas e promoveu vários encontros literários com poetas e escritores portugueses, entre os quais José Saramago.

Outra associação que teve uma influência importante na evolução das atividades culturais no seio da imigração portuguesa foi o Coletivo Centopéia, criado nos anos 80 por um grupo de jovens portugueses (e sobretudo portuguesas) imigrantes. Uma das realizações notáveis da Centopéia foi a produção do filme-documentário

“Portugaises d’origine”, uma tentativa das jovens da “segunda geração” de querer romper com a imagem tradicional da mulher portuguesa, reivindicando um pleno espaço social e cultural na sociedade francesa, sem no entanto renegar suas origens. Num livrete intitulado *Thos: chuchotements dans l’arrière-cour (Portugaises: cochichos no pátio interior)*, publicado por esse Coletivo, tomamos conhecimento dos seus principais objetivos:

Notre démarche est de promouvoir de nouvelles pratiques culturelles, aider à faire naître de nouvelles sources d’information, afin que circulent et changent les idées; notre but est d’influer sur la société française, pour que s’y affirment et s’y mélangent de manière toujours plus riche ses diverses composantes culturelles. (Nossa intenção é promover novas práticas culturais, ajudar a criar novas fontes de informação para que as idéias circulem e se intercambiem; nosso objetivo é influir sobre a sociedade francesa para que se afirmem e se misturem de maneira cada vez mais enriquecedora suas diversas componentes culturais)

Fato revelador de uma evolução social e cultural, o documento citado está redigido inteiramente em francês (“Thos”, palavra da gíria francesa que designa um português).

Em 1991, um grupo de estudantes e jovens licenciados franco-portugueses cria a Associação Cap Magellan que, principalmente através da organização de concertos de música moderna e do seu importante Fórum anual, adquire um grande êxito junto da camada mais jovem da comunidade portuguesa. Entre outras atividades, no decorrer do Fórum anual os jovens poetas do Círculo dos Poetas Lusófonos de Paris vêm apresentar suas criações. Além disso, através de sua revista mensal Cap-Mag, esta associação difunde uma abundante informação no que toca os estudos, a orientação escolar e universitária, os estágios de formação e as ofertas de emprego.

Hoje, um certo número de associações portuguesas estão agrupadas em federações. É o caso, por exemplo, da Coordenação das Coletividades Portuguesas da França (CCPF) e da Federação das Associações Portuguesas da França (FAPF), na região parisiense. Na província, podemos citar as três federações mais importantes: a Federação das Associações Portuguesas de Rhône-Alpes (FAPRA), em Lyon, a Federação das Associações Portuguesas da Alsácia (FAPA), em Guebwiller e a Federação das Amizades Franco-Portuguesas da Aquitânia (FAFPA), em Bordeaux.

Enfim, duas associações, apesar de não serem portuguesas, merecem ser aqui assinaladas: a Association Interaction France-Portugal (dissolvida em 2003), que muito contribuiu para uma melhor inserção social e cultural dos portugueses na França e que, nos anos 80-90, publicou a revista trimestrial luso-francesa *Interaction*, e a



Association pour le Développement des Études Portugaises, Brésiliennes, d’Afrique et d’Asie lusophones (ADEPBA), fundada em 1973, em Paris, por professores de Português das universidades francesas, tendo um papel determinante na criação dos cursos de língua portuguesa no ensino secundário do sistema educativo francês. A ADEPBA, além de publicar material pedagógico e de organizar estágios para professores de Português (em Portugal, no Brasil e em Cabo Verde), também edita seu boletim de informação, *Le Petit Journal*, e possui um site na Internet. Lembramos ainda que esta associação organiza anualmente colóquios sobre o ensino do Português e sobre as literaturas lusófonas e que já colaborou na realização de grandes eventos culturais em Paris, tais como “Expolangues” ou “Les Belles Étrangères”. Os poetas e escritores António Lobo Antunes, José Saramago, Manuel Alegre (portugueses), Luandino Vieira, Pepetela (angolanos), Germano Almeida (caboverdiano), Mia Couto (moçambicano), Jorge Amado, Antonio Torres e Luís Fernando Veríssimo (brasileiros), foram uns dos prestigiosos convidados a estes eventos.

#### 4

A IMPRENSA PORTUGUESA IMIGRANTE NA FRANÇA E AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES DE POETAS EXILADOS OU IMIGRANTES – Após a chegada maciça de famílias portuguesas, nos anos 60, o número de associações cresceu rapidamente, como acabamos de ver, acarretando também um crescimento de suas publicações periódicas. Em quarenta anos, mais de uma centena de boletins, revistas ou jornais portugueses são publicados na França. Muitos tiveram uma existência efêmera. Entre as publicações que tiveram maior influência na vida social e cultural da comunidade portuguesa na França, mas que hoje já desapareceram, podemos citar: *O Correio Português* (1966-73), da Associação Nacional dos Portugueses na França; *Tribuna Associativa*, a voz da Associação dos Originários de Portugal, próxima do Partido Comunista Francês; *O Salto* (1970-1974), jornal dos trabalhadores portugueses emigrados; *Publi-Portugal*, revista mensal da Comunidade Portuguesa e do Espaço Lusófono (publicada em português e em francês); *Portugal no Mundo*, jornal mensal gratuito; *Traço de União*, boletim da ACAP 77, com artigos também em francês; *Portugal – Informação e Documentos*, publicação semanal para as comunidades portuguesas no exterior (Secretaria de Estado da Emigração); *O Conselho* (fundado em 1984), órgão informativo do Conselho da Comunidade Portuguesa na França.

Porém, o jornal da imigração portuguesa que, tanto pela qualidade do seu conteúdo quanto pela sua longevidade (1965-1996), terá desempenhado o papel mais importante no seio do movimento associativo e nas suas relações com a sociedade de

acolhimento, foi o jornal *Presença Portuguesa*, com numerosos artigos em língua francesa. Na origem deste mensal estão os católicos franceses do Service Interdiocésain des Travailleurs Immigrés (Serviço interdiocesano dos trabalhadores imigrantes). Sendo inicialmente um simples boletim, transformando-se ulteriormente em jornal, *Presença Portuguesa* chegou a atingir a tiragem de 10.000 exemplares. Durante mais de trinta anos, este jornal dedicou um espaço importante às questões ligadas às atividades culturais portuguesas na França, especialmente à expressão poética dos imigrantes, trabalhadores ou exilados políticos, fossem eles pedreiros, zeladores, estudantes ou professores. Alguns destes poetas poderiam ser classificados na categoria dos poetas eruditos e reconhecidos (é o caso de Manuel Alegre, Fernando Echevarria ou Liberto Cruz), outros, com pouca instrução escolar e desconhecidos, poderiam entrar na categoria dos poetas populares. Todavia, eruditos ou populares, todos, em seus poemas, evocam a fuga da miséria e da guerra, a terra natal, a família, a saudade, o amor, suas esperanças e seus projetos.

Além da *Presença Portuguesa*, dois outros periódicos já mencionados também publicavam regularmente poetas da imigração, em português e em francês: a revista mensal *Publi-Portugal* (anos 80-90), com informações, crônicas, reportagens e análises abrangendo vários domínios (vida social e política, literatura, lusofonia, vida associativa, esporte, etc.) e o boletim associativo da ACAP 77, *Traço-de-União* (1985-1992).

A ACAP 77 foi a primeira (e a única) associação portuguesa da França a desempenhar um trabalho de edição, inclusive livros de poesia, em português e em francês, somando nove livros publicados entre 1991 e 1997. Na apresentação desta iniciativa pioneira, as Edições ACAP 77 informavam-nos, medindo logo de início os riscos de um tal empreendimento num setor dominado por imperativos comerciais:

Trata-se de uma iniciativa do meio associativo, empenhado em contornar os obstáculos e imperativos da indústria editorial. Aos criadores literários e estudiosos deste sector, necessitados de estímulos e de meios, abre-se agora uma alternativa de cariz não comercial solícita ao desabrochar de novos talentos.

Dos nove livros publicados, dois são de poesia: *À procura do traço* (1991), de Marília Gonçalves, é a voz límpida e comovente de uma mulher que também viveu *entre margens*, entre seu Algarve natal e a França, onde chegou em 1962, com 15 anos de idade. Voz límpida ao exprimir uma certa sensualidade e comovente quando a autora denuncia todos os falsos mercados de felicidade. Já em *O fio da palavra* (1993), António Barbosa Topa, poeta e militante, evoca a ditadura, a guerra colonial, o exílio

e a saudade. A aparente facilidade com que A.Topa constrói seus versos, deixa-nos entender que para ele a poesia é um lugar de exílio por condição.

Poucos anos antes da Revolução do 25 de abril, uma fração de militantes associativos portugueses radicados na França, denunciando o tradicionalismo e o nacionalismo saudosista que reinavam no seio da emigração portuguesa, e adotando posições radicais face à ditadura salazarista, publica em Lisboa os *Cadernos de Livre (?) Expressão* – a interrogação pertence aos autores – com o subtítulo “publicação não periódica” – cujo primeiro número sai em janeiro de 1972, com 100 páginas. Este foi aliás o único número que chegou até Paris, os outros foram todos apreendidos pela polícia política salazarista, a PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado). Fortemente influenciados pela corrente anarquista portuguesa (citando Bakunin em epígrafe), surrealistas por vezes na sua expressão artística, Saldanha da Gama, Osório, Joaquim Serrano, João Franco, José Carlos González e Manuel Madeira oferecem-nos, neste número excepcional, belíssimos poemas em francês e em português. Citamos dois versos de Osório tentando uma definição do que é a arte: “O privilégio artístico é um luxuoso tapume de papel / a arte só será suportável quando deixar de ser arte”.

Em 1982, com o apoio de dois jornais progressistas sediados em Portugal (*Diário de Lisboa e A Gazeta do Sul*), um grupo de intelectuais emigrados na Suíça, na Alemanha e na França publica dez números da revista de informação e cultura *Seleções do Emigrante*. A situação política em Portugal, por um lado, e o debate sobre os direitos dos imigrantes na Europa, por outro lado, eram os pontos que mais preocupavam esta revista. Na rubrica Cultura encontramos poemas inéditos de Henrique Madeira ou poemas de Manuel Alegre, tirados de um dos seus livros mais conhecidos, *O canto e as armas* (1967). Mas, na apresentação do nº10 (novembro de 1982) desta revista, com palavras que traduzem quão árdua era (e ainda é!) a tarefa de publicar na emigração, o diretor José David Rosa afirmava: “Este número não é o último, mas será um dos últimos se não aparecer uma boa vontade que queira ajudar nos fins do mês na impressão das folhas.” Infelizmente, a “boa vontade” não deve ter aparecido, porque este foi o derradeiro número de *Seleções do Emigrante*. Sorte para nós, porque os dirigentes desta revista já anunciavam neste mesmo número o novo projeto de lançar uma outra revista literária que se chamaria *Peregrinação* e que viria a ser a revista de maior qualidade elaborada por portugueses vivendo no exterior.

Com efeito, em junho de 1983 sai o primeiro número da *Peregrinação* - revista trimestral das Artes e Letras de expressão emigrante – que em abril de 1985 passou para *Artes e Letras da diáspora portuguesa*, – fundada por um grupo de intelectuais portugueses radicados na França e na Suíça. Sem dúvida alguma esta revista cultural cons-

tituiu, até outubro de 1990, data de seu último número, o mais importante elo cultural entre as comunidades portuguesas emigradas e foi a referência obrigatória do que se escrevia e criava no seu seio. Não menos importante é mencionar que a *Peregrinação* também teve uma intensa atividade editorial, publicando 24 livros de vários autores emigrantes, desde o romance até ao estudo especializado, passando pelo conto, teatro e poesia. Neste último gênero de expressão citamos os nomes de: Fernando Morais, *A cidade ocupada pela poesia* (1983); Eugénio Lisboa, *A matéria intensa* (1985); Amândio Sousa Dantas, *Poemas da imigração* (1985); Inês Sarre, *Pelo espelho das coisas* (1986); Liberto Cruz, *Jornal de Campanha* (1986); Manuel Simões, *Canto Mediterrâneo* (1987); Ana Júlia M. de Macedo Sança, *Arcoíris e Vibrações* (1987); e João Teixeira de Medeiros, *Do Tempo e de Mim* (1987).

A revista *Peregrinação* consagrou inúmeras páginas à questão do lugar da cultura em geral, e do artista em particular, na nossa sociedade. Assim, vale a pena aqui reproduzirmos a opinião do poeta Fernando Morais, um dos membros fundadores, refugiado na França a partir de março de 1968, com vários livros de poemas publicados em edições bilíngue. Apesar de ter sido publicada há vinte anos (*Peregrinação*, nº4 – abril de 1984), esta reflexão de Fernando Morais permanece mais do que nunca atual, colocando claramente, a nosso ver, a problemática da “crise” em matéria de criação artística:

Na realidade, o drama do artista criador não é uma simples questão de retórica ou de elites educadas no gosto da sua auto-complacência, não, o seu drama é não encontrar qualquer apoio moral e social perante a questão da essencialidade da obra de arte. A sua luta contra o fácil, o admitido, o normal, o consumável, o confortável, é a sua luta contra todas as indiferenças, os egoísmos, desumanizações em cadeia, desrespeito do ser humano, impedindo por todos os meios o seu equilíbrio com a natureza, – isto vindo, por vezes, daqueles mesmos a quem o artista tanto defende: o povo. A incompreensão da obra de Arte como o ponto mais alto da actividade humana não é uma vaga constatação do quotidiano. Trata-se de interesses mesquinhos secretados pelas castas governamentais, políticas, sindicais e administrativas. Trata-se enfim do mundo do lucro e do “bandulho”, do mundo da podridão do metal sonante contra o mundo do artista que se interroga e questiona. Contra todos nós, os que não aceitamos ser rotulados de intelectuais só pelo facto de termos outra coisa a propor que não seja habitual e estandardizado! Somos, assim, os inimigos potenciais e escolhidos dos sistemas de engodo e subalternização do Homem. O grito dos artistas é o grito das aves migradoras, dos que não estão bem em parte nenhuma, pois vivem no universo propondo soluções não comercializáveis, diferentes, experimentando sempre e sempre inovando, para que a vida tenha um sabor a coisa vivida, desejada, aceite.

Realismo e premonição por parte de Fernando Morais? O fato é que alguns anos mais tarde, num dos seus editoriais, *Peregrinação* avisava seus leitores: “Como todas as iniciativas culturais, *Peregrinação* não escapa à ‘estranha’ fatalidade”. Com efeito, em outubro de 1990, os leitores peregrinos das Artes e das Letras se tornavam órfãos.

Vejamos qual é a situação atual da imprensa portuguesa imigrada na França. Hoje, o número de boletins associativos, revistas ou jornais portugueses não ultrapassa os trinta. A maioria tem sede em Paris, com estatuto jurídico do tipo associativo. Conseguem sobreviver essencialmente graças às contribuições dos leitores assinantes e aos poucos subsídios de organismos públicos franceses ou portugueses. Eis os periódicos atuais mais importantes da imigração portuguesa, distribuídos através das redes associativas ou das sete ou oito livrarias portuguesas existentes em todo o território francês: o boletim mensal *Correio Associativo*, da Coordenação das Coletividades Portuguesas da França; o jornal quinzenal *Encontro*; a revista mensal *Cap-Mag* (publicada pela Associação Cap Magellan); a revista trimestrial *Latitudes – Cahiers lusophones* (estes quatro periódicos publicando artigos em francês e em português); os semanários Lusitano e *O Emigrante - Mundo Português*, editados em Lisboa, ambos redigidos unicamente em português; o bimestral *O Correio Português* (que não deve ser confundido com *O Correio Português* dos anos 60-70), também publicado unicamente em português.

A revista *Latitudes*, fundada em 1997, em Paris, por um grupo de lusófonos e de francófonos apaixonados pelo mundo luso-afro-brasileiro, todos ligados à imigração e possuindo uma longa experiência da vida associativa de expressão portuguesa na França, dedica um espaço importante à poesia, nomeadamente através da publicação de textos, entrevistas e resenhas. Dentre os poetas da imigração portuguesa já publicados nesta revista citamos: Maria Graciete Besse, António Topa, Maria da Conceição Vasconcelos, Cristina Semblano, Manuel Madeira, Léa-Nore, Teresa Rita Lopes, António Caetano, Laureans, José Carlos Gonzáles, José Brites, Marília Gonçalves, José Augusto Seabra, Isabel Meyrelles, Lídia Martinez e Lurdes Loureiro.

## 5

AS RÁDIOS LOCAIS PORTUGUESAS E A CRIAÇÃO DO CÍRCULO DOS POETAS LUSÓFONOS DE PARIS – As rádios locais foram a extensão natural das atividades do movimento associativo. A partir de 1982, com o fim do monopólio do Estado nas ondas sonoras hertzianas, as associações portuguesas manifestam um grande interesse pelas novas rádios locais (ou “livres” – como também eram chamadas) e que eram, quase sempre, dirigidas por militantes associativos franceses.

Em janeiro de 1984, na cidade de Orléans, o Coletivo de Estudos e Dinamização da Emigração Portuguesa (CEDEP) organizou o 1º Encontro dos Animadores de Emissões Portuguesas das Rádios Locais na França, do qual participaram 50 animadores representando 25 rádios. Durante os debates foram abordadas duas questões importantes que ainda hoje não foram resolvidas e que são por vezes fonte de discórdia: 1º - o relacionamento das rádios com as associações – estas reivindicam um espaço maior nos programas e consideram que as rádios estão demasiadamente subordinadas ao aspecto comercial, sacrificando assim o aspecto cultural; 2º - a escolha da língua durante as emissões: falar em português ou em francês? Algumas (poucas) rádios optaram pela alternância de emissões em português e em francês, respeitando assim o protocolo de acordo assinado com as autoridades francesas de tutela; outras (a maioria) continuam usando unicamente a língua portuguesa e são por vezes acusadas de serem “saudosistas” e de constituírem um “gueto”, comunicando pouco com a sociedade francesa.

No fim dos anos 80 havia umas sessenta emissões portuguesas espalhadas por toda a França, com um tempo de antena reduzido. Muitas tiveram uma existência efêmera. Apenas três rádios eram inteiramente dirigidas por portugueses e conseguiam emitir 24 horas por dia : a Rádio Clube Português (a veterana das rádios portuguesas de Paris – criada em 1982), a Rádio Portugal no Mundo e a Rádio Églantine. No entanto, em 1987, o governo francês decide não prolongar a autorização de emitir a tempo inteiro a estas três rádios e atribui uma só frequência ao projeto de rádio comercial apresentado pela Associação Luso-Francesa Audiovisual. Assim nasce a Rádio ALFA, hoje a única rádio portuguesa na França emitindo a tempo inteiro, na região parisiense. O encerramento das três rádios citadas provocou vivos protestos no seio da comunidade portuguesa e manifestações nas ruas de Paris.

A Rádio Clube Português, com sede nos subúrbios de Paris, tinha revolucionado certos hábitos no seio da comunidade portuguesa em matéria de comunicação. Com efeito, esta emissora foi a primeira, através do seu presidente e locutor Carlos Duarte, a dar a palavra em direto aos ouvintes, num programa de poesia. Todos os dias, dezenas de ouvintes portugueses imigrantes participavam, liam seus poemas, ora testemunhos de uma vida entre dois países ou entre duas memórias, ora poemas mais líricos ou mais íntimos. Mais tarde, nos anos 90, a Rádio Alfa cria igualmente um programa de poesia com o título “Quimera da noite”. Em 1998, o coordenador e animador desta emissão, Ricardo Botas, propõe aos ouvintes mais interessados pelas quimeras de “transformarmos as palavras ditas em palavras escritas”. E assim nasce o

Círculo dos Poetas Lusófonos de Paris, cujos objetivos principais eram: organizar encontros poéticos, participar do “Printemps des Poètes” (evento anual em Paris) e editar o 1º volume de uma antologia de 20 poetas e poetisas lusófonos imigrantes. Este objetivo está bem perto de ser realizado através das Éditions Lusophones, faltando ainda alguns patrocínios. Entretanto, na apresentação da antologia, Daniel Lacerda (que é diretor da revista *Latitudes*, foi membro fundador das edições ACAP 77 e colaborou na revista *Peregrinação*) informa-nos sobre a forma e o conteúdo dos poemas:

Os poetas desta antologia, regra geral, não se caracterizam por colocar como objetivo a questão duma expressão poética original, de preferência adotam uma forma aceite, cada um com as suas preferências e concentram-se naquilo que têm para dizer. Trata-se de uma poesia testemunho. (...) Sendo a mais constante a atitude lírica, só muito esparsamente surge a satírica.

Todavia, ao nosso ver, o que dá um valor acrescentado aos poemas desta antologia são também os textos biográficos de cada poeta. Ótima idéia dos coordenadores, pois a soma destas histórias individuais constituem a força de uma memória coletiva. Neste sentido, a presente antologia não é apenas um livro de poesias, é também um livro de história(s), cujos protagonistas são: Angélica da Ascensão, Aníbal da Encarnação Coelho, António Caetano, António Cravo, António Topa, Carlos Candeias, Cristina Semblano, Domingos Batista Trindade, Filipe Pereira, Joaquim Alexandrino, José Gonçalves, José Aparício, José Pereira da Silva, Márcia Agrau, Maria da Conceição de Vasconcelos, Lurdes Loureiro, Manuel Rodrigues, Marília Gonçalves, Olga Diegues, Paula Gonçalves, Ricardo Botas e Teófilo Afonso.

## 6

OS POETAS PORTUGUESES EXILADOS, REFUGIADOS, IMIGRANTES OU FILHOS DE IMIGRANTES – O exílio dos intelectuais portugueses para a França é uma constante na história das relações luso-francesas. Podemos lembrar brevemente, a partir do século XIX, alguns exemplos ilustres. Assim, a contra-revolução absolutista em Portugal obrigou ao exílio escritores como Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Paradigma do poeta exilado, António Nobre, o autor de *Só* (1892) viveu igualmente longos anos em Paris, cidade que lhe inspirou o livro *La Lusitanie au Quartier Latin*. Já em plena efervescência do modernismo, chega a Paris o poeta Mário de Sá-Carneiro. Outro vulto das letras portuguesas, Vitorino Nemésio, leitor em Montpellier, presta uma bela homenagem

ao país hóspede, escrevendo o poema “Prière Portugaise à la France”. António Sérgio, Raúl Proença e Jaime Cortesão foram outros exilados de prestígio, infelizmente desconhecidos na França. No Colóquio IMAGES RÉCIPROQUES FRANCE-PORTUGAL, organizado pela ADEPBA (Paris, 1992), José Augusto Seabra, ex-embaixador de Portugal junto da UNESCO e ex-ministro da Educação constatava, numa bela frase: “Ainsi se tisse un dialogue poétique entre la France et le Portugal” (Assim se vai tecendo um diálogo poético entre a França e Portugal).

Os poetas portugueses perseguidos pela ditadura salazarista e exilados na França nos anos 1960-70, país onde puderam desenvolver atividades intelectuais, profissionais ou políticas, foram numerosos. Sem pretedermos estabelecer uma lista exaustiva destes poetas, podemos apresentar sucintamente os itinerários e as principais publicações de alguns deles:

LIBERTO CRUZ (n. 1935, em Sintra), foi um dos fundadores da revista *Sibila* e crítico literário do *Jornal de Letras e Artes*. Exilou-se para a França em 1967, introduziu o ensino das literaturas luso-africanas na Universidade de Rennes (1969) e exerceu as funções de conselheiro cultural na embaixada de Portugal em Paris. Publicou inúmeros livros de poesia desde 1956; em 1986 publica *Jornal de Campanha* (ed. Peregrinação), evocando a guerra colonial na África, livro com o qual obtém o prêmio “Cidade de Lisboa”; JOSÉ AUGUSTO SEABRA, poeta exilado na França nos anos 60, diplomata e homem político. Também é autor de uma tese de doutoramento sobre Pessoa e seus heterónimos, defendida na Sorbonne. Tem inúmeros poemas publicados em livros, revistas e jornais franceses, portugueses e estrangeiros. Citamos alguns livros de poesia: *Gramática grega* (Lisboa: Nova Renascença, 1994), *Sombras de nada* (Lisboa: Quetzal, 1996) e *Amor a sul* (Lisboa: Movimento, 1998); ANTÓNIO BARBOSA TOPA (n.1948, no Porto), para escapar à guerra colonial, refugiou-se na França em 1969, foi responsável do setor associativo na embaixada de Portugal em Paris e atualmente é professor de educação especializada e intérprete. Tem poemas selecionados nas antologias *Mais do que ler muito é necessário adivinhar* (Coimbra, 1970), e *Vozes dos Emigrantes* (Paris, 1981) e já lhe foram publicados dois livros de poesia: *O fio da palavra* (Paris: ACAP 77, 1993) e *Sur les lèvres du silence/Pelos lábios do silêncio – bilingue* (Paris: Éditions Lusophones, 2000); FERNANDO ECHEVARRÍA (n.1929, em Cabezón de la Sal), frequentou os cursos de Humanidades em Portugal, exilou-se em Paris, em 1961. Como poeta, estreou em 1956 com *Entre dois anjos*, tem livros publicados em Portugal e na França e vários prêmios literários, dentre os quais o Grande Prêmio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, em 1991, pelo livro *Sobre os mortos* (Porto: Afrontamento); FERNANDO



ILHARCO MORGADO (n.1929), fez estudos secundários em Angola, engenheiro, colaborou em prestigiosas revistas em Portugal (*Vértice*, *Seara Nova*). Seu primeiro livro de poesia data de 1955 (*As vozes e a madrugada*), tem poemas incluídos no disco de Luís Cília, *La poésie portugaise de nos jours et de toujours* (Paris, 1971); FERNANDO MORAIS, natural de Vila Nova de Gaia, refugiou-se em Paris em 1968, colaborou em vários jornais e revistas da imigração e publicou *As ruas da Comuna*, sobre o Paris revolucionário de 1871 e também *A cidade ocupada pela poesia* (ed. Peregrinação, 1983); JOSÉ CARLOS GONZALES (n.1937, Lisboa), de pais emigrantes espanhóis, efetuou estudos de Direito, jornalista, tradutor de Albert Camus e André Malraux. Em 1971, as edições La Pensée Universelle (Paris), publicou-lhe o livro *Les correspondances*; MANUEL ALEGRE (n.1936, em Águeda, perto de Aveiro), é um dos poetas portugueses mais lidos e apreciados atualmente em Portugal. Nos anos 60 partilhou a vida dos seus compatriotas emigrantes no famoso “bidonville de Champigny” (subúrbios de Paris). Escreveu vários poemas sobre este período (*Paris não rima com meu país*, *Portugal em Paris*, etc.). Tem uma vasta obra poética editada, sendo *A Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as armas* (1967) seus dois primeiros livros. Paralelamente à sua atividade literária, teve e continua tendo uma vida política intensa, foi deputado europeu e hoje é vice-presidente da Assembléia da República; TERESA RITA LOPES (n.1937, no Algarve), licenciada pela Faculdade de Letras de Lisboa, exilada em Paris durante 11 anos (de 1963 a 1974) e doutorada pela Sorbonne com um estudo sobre F.Pessoa. Hoje é professora na Universidade Nova de Lisboa, dramaturga e poetisa. Publicou entre muitos outros livros *Os Dedos Os Dias As Palavras* (1987) e *Afectos* (2001), com lançamento na Librairie Lusophone de Paris. Já recebeu dois importantes prêmios de poesia: o da Câmara Municipal de Lisboa e o prêmio Eça de Queirós; JOSÉ TERRA (n.1928), originário do Minho, abandonou o seminário aos 17 anos e licenciou-se em Filologia Clássica (Lisboa). Teve o primeiro livro de poesia, *Canto da Ave Prisioneira* (1949), apreendido pela Censura. Foi co-fundador das revistas literárias *Árvore* e *Cassiopéia* et tem muitos poemas publicados em diversas antologias. É professor catedrático jubilado da Sorbonne.

Outros poetas da imigração portuguesa tinham saído de Portugal antes da Revolução dos Cravos, mas sem o estatuto de exilado ou de refugiado. Alguns vieram como imigrantes “econômicos”, isto é, operários, e a sua poesia é uma poesia-testemunho. Outros ainda (estudantes, professores, jornalistas ou artistas) já tinham escrito ou publicado poesia antes de ter chegado na França. Apresentamos também aqui alguns poetas ditos da “segunda geração”, nascidos na França, de pais portugueses:

MANUEL MADEIRA (n.1936), alentejano, militante ativo contra o fascismo português e contra a guerra colonial, trabalhou como operário nas fábricas Renault, na França. Conviveu com grandes nomes da poesia e do cinema francês (Jacques Prévert, Jacques Tati), inscreveu-se em cursos de cinema na Polónia e, mais tarde, tornou-se professor de arte cinematográfica no IDEC e na Universidade francesa. Realizou vários filmes documentários sobre a imigração na França e foi co-fundador e colaborador de inúmeras revistas. Começou a escrever poesia aos 19 anos, publicou em francês *Les mois chaud* (1973) e tem na gaveta dezenas de poemas inéditos; MARÍLIA GONÇALVES (n.1947), viveu entre o Algarve e a França, participou em diversos recitais como declamadora. Em 1991, foi publicado nas edições ACAP 77, em Paris, seu livro de poesia *À procura do traço*; TEÓFILO MORAIS (n.1935), quebrou as algemas do fascismo, como tantos, e comeu também o pão amargo da emigração. Publicou *Saudades do meu país* (1992); ROGÉRIO DO CARMO (n.1935), filho de uma família numerosa, deixou Portugal em 1960, foi animador nas rádios portuguesas de Paris e em 1992 publicou *Sombras*, com poemas escritos entre 1952 e 1987 (edição do autor); FILIPE PEREIRA (n.1978, região parisiense), efetuou brilhantes estudos de Direito, é vereador numa localidade próxima da capital francesa, membro do Círculo dos Poetas Lusófonos de Paris e tem poemas publicados em revistas e jornais; ALICE MACHADO, de Trás-os-Montes, veio muito nova para a França, onde estudou Literatura, publicou quatro romances e dois livros de poesia em francês (*Éclats e L'agitation des rêves*) e fez parte dos autores convidados no Salão do Livro de Paris, em 2000; PAULA GONÇALVES (n.1965), emigrou com os pais, formou-se em Estudos Portugueses, na Sorbonne, trabalha como jornalista. Colaborou em publicações bilingües, tem poemas inseridos na *Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea* (ed. Minreva) e acaba de sair, nas *Éditions Lusophones* (Paris), seu livro de poemas com o título *Âncora estilhaçada*; MARIA DA CONCEIÇÃO DE VASCONCELOS (n.1949), imigrada na França há trinta anos, publicou duas recolhas de poemas: *Brisas* (1994) e *No poente incendiado* (1997), em edições do autor.; MARIA GRACIETE BESSE, licenciada em Românicas (Lisboa), professora na Faculdade de Bordeaux, escreveu numerosos artigos sobre literatura portuguesa e brasileira, tem dois romances publicados e dois livros de poesia na editora Ulmeiro (Lisboa), *Olhar fractal* (1996) e *Mediterrâneo, um nome de silêncios* (2000); ANGÉLIA DA ASCENSÃO (n.1933), deixou a escola aos 11 anos, como autodidacta tomou gosto pela leitura e pela poesia. Participou de várias emissões de expressão poética na rádios portuguesas da região parisiense; ANTÓNIO CAETANO (n.1933), trabalhador na construção naval em Lisboa, passou algum tempo nas cadeias da PIDE, onde escreveu diversos poemas do seu

repertório. Veio para a França em 1967, como pedreiro. Escreve poesia popular na forma alentejana (um mote e quatro décimas); ANTÓNIO CRAVO (n.1935), começou a trabalhar no campo, muito jovem, e só aos 20 anos iniciou seus estudos. Chegado a Paris, formou-se em Sociologia e ao mesmo tempo continuou a trabalhar na construção civil. Publicou muitos trabalhos sobre a imigração portuguesa na França e vários livros de poesia, entre os quais *Os desenraizados* (Paris, 1982, ed. do autor). Participou ainda na antologia *Poètes sans frontières* (Paris: Nouvelle Pléiade, 1994); LAUREANS (pseudônimo de Laureano C. Santos), nasceu em Olivença, onde viveu poucos anos, ou poucas “translações” como prefere dizer. Perseguido pela PIDE, exilou-se na França. J.A. Seabra define-o como poeta “andarilho de uma diáspora”, tendo percorrido uns quarenta países, exercido dezenas de atividades e lutado em favor dos oprimidos. Sua obra é bastante eclética e em 1987 a editora parisiense La Pensée Universelle publicou-lhe *Poesie d'un fou* e mais recentemente, o poeta Laureans publicou dois livros de “poesia” (prosa e poesia): *Simplex Mente Contra Dito R* (1998), em edição do autor, com o apoio do Centro de Estudos Regionais do Minho, e *Viana do Mar* (2001), editado pelo Centro Cultural do Alto Minho; TEÓFILO AFONSO (n.1935), cursou a escola primária em Portugal e serviço militar em Goa (Índia), trabalhador rural. Emigrou para a França em 1967. Revelou-se na poesia com o seu primeiro livro *Saudades do meu país* (1992, ed. do autor) e participou assiduamente em emissões dedicadas à poesia, na região parisiense; ANTÓNIO VICENTE CAMPINAS, nasceu em Vila Nova de Cacela (Algarve), pela sua atividade de militante antifascista foi preso, depois de condenado pelos tribunais de Salazar. Em 1961 exilou-se na França, de onde regressou logo após o 25 de Abril de 1974. Entre diversas profissões foi livreiro e como poeta é autor de várias coletâneas, entre as quais destacamos *Antemanhã da Liberdade*; GABRIEL RAIMUNDO, jornalista e escritor, também viveu a dolorosa experiência da emigração nos anos 60-70. Publicou sobretudo contos infantis e crônicas da emigração (*Construtores de Pontes, Usinas e Maisons*, em 1981 – valiosíssima contribuição para a história da emigração portuguesa), mas também poesia (*Natal crítico* e *Gritos de guerra*, ambos em 1980); MANUEL SOUSA FONSECA (n. em 1951, em Fafe, no Minho), chegou na França nos anos 70 fugindo da guerra colonial portuguesa na África. Escritor, jornalista e poeta anti-conformista, – “provocador do quotidiano” – diz dele o prof. F. Capela Miguel no prefácio da última recolha de poemas que M. Sousa Fonseca acaba de publicar, em edição bilingue, com o título *Olhares no fio do tempo – Regards au fil du temps*, coleção “Témoignages”, *Éditions Lusophones*, Paris, 2003.

7

*SAUDADES NÃO PAGAM DÍVIDAS*: COLETÂNEA DE OBRAS DE EXPRESSÃO EMIGRANTE – Não poderíamos evocar estes itinerários dos poetas portugueses emigrantes, sem apresentarmos um livro com um título explícito, que com certeza traduz o sentimento de milhares de homens e de mulheres que labutam duramente em terras de França: *Saudades não pagam dívidas* – uma coletânea de obras de expressão emigrante, editada em 1980, em Paris, com o concurso da Association l’œil étranger e coordenação de Yvette Tessaro, Manuel Madeira e Alberto Melo. Trata-se de uma obra de expressão popular, com poemas recolhidos nas associações ou junto de poetas anónimos. Os temas aparecem claramente através de certos títulos como: “O salto”, “Os passadores”, “Os clandestinos”, “Despedida”, “A terra prometida”, “O racismo”, “O cão do emigrante”, “Máquinas alugadas”, “Barracas de Champigny”, “O dia das mulheres a dia”, “A Revolução portuguesa”, etc. São autênticos testemunhos que vão constituir a memória coletiva da imigração portuguesa na França..

8

*VOZES DOS EMIGRANTES EM FRANÇA*: ANTOLOGIA POÉTICA BILÍNGÜE – Antes de surgirem, no fim dos anos 80, editoras que publicassem autores portugueses emigrantes ou exilados na França, existiram aqui ou ali algumas publicações por conta do autor. Em poesia, a mais importante publicação deste tipo foi a antologia poética bilíngüe, *Vozes dos emigrantes em França – 1960/1982*, por António Cravo e João Rebelo Heitor. São cerca de 150 poemas colhidos em boletins associativos e jornais (principalmente no periódico *Presença Portuguesa*), em concursos escolares, recitais, festas, etc. Chamou-se esta antologia “bilíngüe” não porque os poemas foram traduzidos, mas porque uns são em português (a maior parte) e outros em francês. João Heitor, na apresentação, evoca o trabalho e os temas destas “vozes de emigrantes”:

Tivemos um grande prazer ao desenterrar estes poemas de uma gaveta, de um jornal ou revista poeirenta ou de os recolhermos no contacto pessoal com os emigrantes. (...) Poemas escritos sob a poeira do cimento de uma obra ou na escuridão do metropolitano; poemas escritos com mãos gretadas ao som do compressor ou das máquinas das fábricas; e também poemas escritos sob a inspiração das musas...

9

Os poetas portugueses, imigrantes ou exilados, em edições francesas – Por razões essencialmente comerciais, mas também culturais, que já foram expostas mais

acima, os editores franceses que publicam obras de poetas imigrantes portugueses na França são pouquíssimos e, em geral, são pequenas casas de edição (tal não acontece com os romances de autores portugueses, publicados em bem maior número). Nestes últimos anos, as Éditions Lanore (Paris) publicaram dois livros de poesia de Alice Machado, na coleção Alchimies poétiques: *Éclats* (2000) e *L'agitation des rêves* (2002). Devemos lembrar que, seja poesia ou romance, as editoras francesas publicam os autores portugueses imigrantes sempre em francês, o que é compreensível. Aliás, alguns destes autores, como é o caso para Alice Machado, escrevem diretamente em francês. Nos anos 70-80, uma conhecida editora francesa, La Pensée Universelle (Paris) publicou alguns autores imigrantes, entre os quais o poeta português de origem espanhola, que já apresentamos, José Carlos Gonzalez (*Les correspondances*, 1971) e também o poeta Laureans (*Poésie d'un fou*, 1987). Enfim, as Éditions Panthéon, entre 1994 e 1999, publicam três livros de Manuel Sousa Fonseca.

Apesar de não publicar autores da imigração portuguesa na França, devemos mencionar aqui a existência da Librairie Portugaise, cujo diretor é o francês Michel Chandeigne, antigo professor de biologia em Lisboa, tipógrafo por paixão e tradutor da língua portuguesa (sobretudo de Fernando Pessoa). Situada ao lado do *Panthéon*, em Paris, esta livraria tem igualmente uma intensa atividade editorial dedicada ao mundo lusófono. Com efeito, desde 1968, as Éditions Chandeigne vêm publicando principalmente livros de relatos de viagens marítimas portuguesas, poesia, teatro, assim como alguns ensaios de autores portugueses, brasileiros e franceses

Foge ao nosso tema evocar aqui o trabalho das editoras francesas que, apesar de não se interessarem pelos autores portugueses imigrantes, publicam regularmente os outros autores de expressão portuguesa em geral, contribuindo assim para a difusão e o conhecimento das literaturas lusófonas na França: Christian Bourgois, La Différence, Actes Sud e Métailié, principalmente. Mas também Albin Michel, Seuil, Gallimard, Grasset, Stock et L'Harmattan.

## 10

AS ÉDITIONS LUSOPHONES DE PARIS – As Éditions Lusophones são a única editora criada por um imigrante português na França. Situada em pleno Quartier Latin, a dois passos da Sorbonne, esta editora é o fruto da paixão de um homem pelas artes e pelas letras do mundo lusófono, João Rebelo Heitor. Fruto também de uma longa militância e tenacidade. A aventura começa em 1988, quando Heitor e sua esposa, Anabela, abrem a Librairie Lusophone. Hoje esta livraria não é só um local comercial, mas

também um espaço acolhedor a quem chega e se interessa pelas culturas lusófonas. Um espaço muito freqüentado por poetas, escritores, professores, diplomatas, artistas, simples leitores ou amigos, que sempre voltam, porque, afirma Heitor: "...uma boa conversa e o tempo para ela, são 'bens culturais'".

Portanto, a Librairie Lusophone também desenvolve uma atividade editorial cujo objetivo é a publicação de traduções para francês de obras portuguesas, desde os clássicos à literatura moderna, passando pelos autores lusófonos imigrantes na França. Assim, em 1998 nascem as Éditions Lusophones, com a publicação bilingue dos poemas de José Jorge Letria, *A tentação da felicidade (La tentation du bonheur)*. Até hoje, as Éditions Lusophones já editaram 25 livros (história, contos para criança, poesia, música, etc.). Podemos citar três publicações mais recentes de poetas portugueses imigrantes: em 2000, na coleção Poésie bilingue, são publicados os poemas de António Topa, *Sur les lèvres du silence (Pelos lábios do silêncio)* e, na coleção *Témoignages*, saem *Âncora estilhaçada* (2002), de Paula Gonçalves e *Olhares no fio do tempo (Regards au fil du temps)* (2003), de Manuel Sousa Fonseca, com poemas em francês e em português. Enfim, como anunciávamos mais acima, está no prelo, em co-edição Éditions Lusophones / Círculo dos Poetas Lusófonos de Paris, uma antologia dos poetas portugueses imigrantes ou filhos de imigrantes portugueses na França.

No verão 2003, João Heitor falava-nos a propósito de divulgação, de edição e de difusão dos autores lusófonos em geral na França, e particularmente dos autores imigrantes portugueses:

A presença de milhares de portugueses em França estimula o público francês que deseja conhecer a cultura portuguesa. O fenómeno Pessoa ajudou imenso, assim como as numerosas traduções e o prémio Nobel de literatura atribuído a Saramago. No que diz respeito à criação literária imigrante, e especialmente poética, a oferta é enorme. Das grandes editoras francesas nada a esperar! Falta-nos uma política de promoção e de distribuição do livro. É difícil entrar na rede da distribuição. Faltam também os apoios institucionais. Por outro lado, é claro, a globalização do mercado, com o único critério de rentabilidade, tem consequências desastrosas.

Quase resignado, mas sempre confiante e num tom que lhe é próprio, o diretor das Éditions Lusophones concluiu: "A poesia só andarà na praça pública pela paixão e pelo voluntarismo de doidos como nós."

Assim, fazendo parte de um determinado espaço cultural, os poetas portugueses exilados ou imigrados na França também são criadores e inovadores de formas

culturais, não fugindo contudo às influências da sociedade na qual vivem. Em suma, e referindo-nos a um dos propósitos desta discussão, a poesia imigrante também é “o fruto das crises da própria existência humana”.



## REFERÊNCIAS

- ADEPBA. *Images réciproques France-Portugal*. Actas do Colóquio, Paris, 1992.
- CLÍMACO, Nita. *A Salto*. Lisboa: Paris: Ed. do Autor, 1967.
- COLLECTIF CENTOPÉIA. *Thos: chuchotements dans l'arrière-cour*. Paris, 1985. 64 p.
- CORDEIRO, Albano. *Pourquoi l'immigration en France?*. Office Municipal des Migrants de Créteil, 1981.
- CORDEIRO, Albano (Coord.). *Enfermement et ouvertures: les associations portugaises en France*. Paris: CEDEP, 1986.
- CRAVO, António e HEITOR, Rebelo. *Voices dos Emigrantes em França – antologia poética bilingue*. Paris, 1982, 260 p.
- LES PORTUGAIS ET LE PORTUGAL EN FRANCE AU XX<sup>e</sup> SIÈCLE - Actas do encontro organizado pelo Grupo de pesquisa Epoca, 8 de dezembro de 2001- Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine, Nanterre, 2003. 94 p.
- LOUREIRO, Maria de Lurdes e VASCONCELOS, Maria da Conceição (coord.). *Antologia dos poetas portugueses imigrantes*. Paris: Éditions Lusophones; Círculo dos Poetas Lusófonos de Paris, 2004.
- MAIA, Maria Armandina (org. e pref.). *Da outra margem – Antologia de poesia de autores portugueses*, 2ed. Lisboa: Instituto Camões, Coleção Diáspora, 2001. 175 p.
- NAMORA, Fernando. *Diálogo em Setembro*. Lisboa: Europa-América, 1966.
- Portugais de France. *Revista Hommes et Migrations*, n°1210, dezembro de 1997.
- Portugais de France, citoyens d'Europe: état des lieux et avenir. *Actas do Encontro das Comunidades Portuguesas da França*, abril de 1993, ACAP 77, Dammarie-les-Lys.
- RUIVO, Jorge Rodrigues. *Portugais et population d'origine portugaise en France*. Paris: L'Harmattan, 2001. 250 p.
- VOLOVITCH-TAVARES, Marie-Christine. “Portugais à Champigny, le temps des baraques.” *Autrement*. Paris, n° 86, abril de 1995. 154 p.

## Resumo

Nos anos 1960-70, a emigração portuguesa para a França constituiu uma verdadeira odisséia dos tempos modernos. Testemunhas diretas daquela época, os poetas portugueses residentes na França, populares ou eruditos, graças ao trabalho árduo de alguns franco-atiradores, dão um contributo imprescindível para a salvaguarda de uma memória coletiva.

## Résumé

Dans les années 1960-70, l'émigration portugaise vers la France a constitué une véritable odysée des temps modernes. Témoins directs de cette époque, les poètes portugais résidents en France, populaires ou érudits, grâce au labeur de quelques francs-tireurs, apportent une précieuse contribution pour la sauvegarde d'une mémoire collective.

## Quatro poemas do exílio

### EXÍLIO

Manuel Alegre

Éramos vinte ou trinta nas margens do Sena.  
E os olhos iam com as águas.  
Procuravam o Tejo nas águas do Sena  
procuravam salgueiros nas margens do vento  
e esse país de lágrimas e aldeias  
pousadas nas colinas do crepúsculo.  
Procuravam o mar.

Éramos vinte ou trinta nas margens do Sena  
sentados  
ausentes.

E havia uma rua. Havia uma casa.  
Havia um cesto de cerejas sobre a mesa.  
Havia um puro cheiro a pão. Uma varanda  
e roupa branca a secar.  
Havia uma pátria.  
E havia tecedeiras subterrâneas  
tecendo em Coimbra a primavera.  
Havia o António e uma guitarra  
incendiada nos seus dedos.  
E a minha irmã morava nesse ritmo.  
A minha mãe bordava. (Às vezes creio que lembrava.)  
Meu pai – esse partia extasiado  
para o país da música. Havia uma avó  
procurando sentir o que eu sentia.  
Havia uma casa.  
Havia uma pátria.

Éramos vinte ou trinta nas margens do Sena  
onde o vento cantava  
uma canção estrangeira.

E os olhos iam com as águas.

### LOUCURA OU OUTRA COISA

António Barbosa Topa

Encostado  
nos ombros do silêncio  
dormias de pé  
sorrindo

quando acordaste  
vieste sentart-te  
à mesa do delírio

pediste um navio de cerveja  
tremoços azuis  
e uma torradas  
para acompanhar

olhe  
se tiver  
traga também  
uma fatia de mar  
e o alentejo

Foi então que começaste  
A falar da França  
dos seus galos de barcelos  
e de muitas outras  
concretas coisas

Acordou toda a Ribeira  
aplaudindo o Sena  
e rio Douro abaixo  
gemiam as caravelas.



## LUGARES DA MEMÓRIA

Maria Graciete Besse

no branco nocturno das palavras  
uma cidade  
vidros espelhos cinzas

eu ouvia pela noite  
o trabalho da captura  
o medo  
fragmentos de memória  
cavalgando interrogações  
mãos de álcool  
olhos de ruínas

havia sonhos tardios  
vinhos de ausência

como uma ilha  
sem começo nem fim  
o corpo esquecia-se de envelhecer

## A HERANÇA

Maria da Conceição Vasconcelos

Trago em mim a imensidão de um oceano  
de ondas revoltadas, encapeladas,  
de tempestades abrandadas de brisas salgadas  
de gotas de suor, de sangue lusitano.

Trago em mim os ventos cálidos do sul,  
aridez do solo gretado do Alentejo,  
da acalmia dos ventos nortenhos o bafejo  
e o forjar dum horizonte realmente azul.

Trago em mim estrelas de neve,  
planícies em flor, teares animados,  
cantigas de amigo, cantigas de amor, os fados,  
o trinar das guitarras que sempre Portugal teve.

Trago em mim longas noites de serões,  
de alegres arraiais, de encantadas serenatas.  
De longínquas viagens num cavalo de prata,  
de aromas de canela, de mel e de pinhões.

Trago em mim o rumor clandestino  
daqueles passos que paulatinamente,  
se vão afastando da vida da gente,  
a humilde esperança de um peregrino.



STOENESCO, Dominique. Os poetas portugueses imigrantes, refugiados ou exilados na França (desde os anos 1960-70). *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, n° 3, 2005, p. 106-130.

**Dominique Stoenesco** é professor de português, formado pela Universidade de Paris III – Sorbonne. Realizou estágios em Portugal, no Brasil e em Cabo Verde. Participou da elaboração e da redação de manuais e de documentos didáticos e pedagógicos. Trabalhou como intérprete e tradutor e foi professor de português jurídico durante 11 anos na Universidade de Paris XII – Val-de-Marne. Fundador e co-editor da revista *Latitudes: Cahiers lusophones* e redator da revista *Les langues néo-latines*.